

---

# Resolução Política da DN de 7 de abril de 2013

10-Apr-2013

## A Crise Europeia

### 1. Â Â Â

A crise que em 2007 varreu os mercados financeiros a partir dos EUA foi identificada como a primeira crise global do capitalismo, capaz de destruir de uma assentada uma imensa massa de capital e de abalar profundamente a crença na infalibilidade dos mercados, mandamento primeiro da ideologia neoliberal professada pela burguesia.

### (...) 23.Â A Direção

Nacional regista a recepção do e-mail enviado pelos promotores da Plataforma Socialismo aos membros da UDP da Comissão Política, em que clarificam a recusa da Plataforma em aceitar a participação de membros da UDP.

## A Crise Europeia

### 1. Â Â Â

A crise que em 2007 varreu os mercados financeiros a partir dos EUA foi identificada como a primeira crise global do capitalismo, capaz de destruir de uma assentada uma imensa massa de capital e de abalar profundamente a crença na infalibilidade dos mercados, mandamento primeiro da ideologia neoliberal professada pela burguesia.

### 2. Â Â Â

Assistimos, na sequência deste sismo financeiro, a um deslocamento das placas tectónicas da ordem mundial existente. A globalização, identificada com a hegemonia do consenso neoliberal da era pós queda do Muro de Berlim não pode indiferente às consequências da crise.

### 3. Â Â Â

A enorme destruição e reorganização financeira provocada pela crise desenhou uma nova estratégia de ataque ao trabalho. A recuperação do capital à intensificação da exploração. O ataque ao salário e ao Estado Social europeus, as tendências nacionalistas e conservadoras da direita que na Europa reforçam as forças da desintegração, o papel ativo dos Estados na salvação dos mercados financeiros, o sequestro da democracia pelos planos de austeridade, a própria austeridade enquanto travão ao crescimento das economias periféricas e plano de empobrecimento deliberado são pontos unidos por uma linha que separa a velha ordem de uma nova, que nascerá a partir da instabilidade e da indefinição que hoje caracterizam o sistema capitalista.

#### 4. Â Â Â

Nada ficou igual, nem mesmo no centro do império.

Os EUA enfrentam hoje o aumento do desemprego e o esfriar do crescimento econ mico. O declínio dos EUA enquanto potência econ mica d -se no quadro do imperialismo global, alterando a sua relação de forças com outras economias com altas taxas de crescimento e, no caso da China, com grandes reservas de d -vida norte-americana, ou seja, de d -lares.

#### 5. Â Â Â

Essa agonia tornou a crise mais dolorosa e particularmente violenta no velho continente, já identificado como o elo fraco do imperialismo. A Europa foi mesmo o alvo preferencial do ataque do capital. Aqui se d o as grandes transforma es da estrutura social e econ mica que a austeridade impõe. A partir da Europa (da sua periferia) d -se a maior transferência do trabalho para o capital que alimenta a recupera o dos mercados financeiros, e nem as economias mais fortes ficam imunes   espiral recessiva. Em Fran sa, a promessa de Hollande ficou por isso mesmo e a austeridade já se faz sentir, e mesmo na Alemanha o crescimento abrandou.

#### 6. Â Â Â

A principal contradi o na Europa e, mais concretamente, na União Europeia, d -se entre as tendências para a desintegra o alimentadas por forças conservadoras/nacionais e o crescente autoritarismo federal-institucional que joga a Europa contra si mesma. Perante a desagrega o evidente, o que resta da vaga social-liberal europeia empurra para o federalismo como a fuga cega para a frente.

#### 7. Â Â Â

A crise europeia   a crise do capitalismo, mas   também consequência de uma onda populista/ultra-nacionalista emergente. A Hungria   bom exemplo de como a direita conservadora ganha terreno numa Europa marcada pelo desemprego e pela violência da crise. Mas também a Inglaterra marca o ritmo do eurocepticismo.

#### 8. Â Â Â

O euro ficou novamente na linha de fogo com o ataque aos depósitos no Chipre. Sendo evidente que o euro   uma moeda com uma arquitetura incompleta,   também incontornável que fazer dessas incongruências as razões da crise   não compreender o carácter sist mico da crise que atravessamos. O sistema financeiro continua mergulhado em imparidades e os bancos ainda clamam pela salva o, exigindo o sacrifício dos povos no altar da austeridade.

#### 9. Â Â Â

A  solu o  encontrada para Chipre põe a não uma austeridade que não tem qualquer lealdade aos princípios neoliberais. O caso de Chipre será mais um passo de gigante na concentra o de capital no centro da Europa.

#### 10. A

A disputa geopolítica da região tem também um papel relevante neste desfecho. Os interesses da União Europeia, da Rússia e da Turquia, jogam-se sobre um território onde foi recentemente descoberto gás natural e petróleo, para além da evidente importância geográfica. A troika procura ter sobre Chipre um plano de dominação que retire influência russa e que garanta a acumulação com os recursos naturais. O modelo imperialista da União Europeia, sob a batuta alemã, tem aqui a sua materialização.

#### 11. O

O porta-voz do Eurogrupo anunciou que este seria o novo modelo de resgate para o futuro, para, minutos depois, se desdizer. Mas, tal deixa claro que na União Europeia é cada um por si e todos pelo centro da Europa, particularmente pela Alemanha. Mesmo que isso fragilize o euro. Afinal, o capital europeu utiliza a moeda única como chantagem sobre os povos para justificar a austeridade, mas especula contra própria moeda se isso significar mais acumulação. A resposta da esquerda europeia assentará na defesa de um projeto de cooperação entre os povos, sob o mote da solidariedade.

#### 12. A

A troika tem marcado, e bem, a fronteira da luta política da esquerda. Enfrentar a troika é enfrentar cara-a-cara os especuladores e os ideólogos da austeridade. E se é verdade que o memorando não está em vigor para sempre, também é certo que, na sua ausência, o tratado orçamental assinado e defendido pelo PS, PSD e CDS garantem a austeridade permanente com a sua regra de ouro. Fica clara a alternativa do PS: federalismo europeu para austeridade sem fim.

#### 13. Perante

Perante este quadro, é evidente que a esquerda precisa de uma resposta forte. Em Portugal, como na Grécia e noutros países europeus, a esquerda socialista luta por uma maioria social que dê força a governos que rompam o ciclo recessivo da dívida, pela recusa dos memorandos de austeridade (ou regras de ouro) e pela renegociação (e anulação parcial) de juros, montantes e prazos. O controlo público do crédito e de sectores estratégicos, as políticas de investimento público e de industrialização, a reposição dos salários e pensões e dos direitos roubados, a defesa intransigente de instrumentos europeus de financiamento (como eurobonds e alteração do BCE) e de democracia à escala europeia constituem os programas máximos dos partidos da matriz do Bloco da Esquerda.

#### 14. Os

Os tempos são de indefinição e de grande complexidade. A instabilidade governativa (agravada pela inconstitucionalidade do orçamento) não significa que a queda do governo esteja ao alcance de um empurrão. A demissão do Governo e a realização de eleições são uma urgência expressa na justa reivindicação de todos quantos se opõem à direita. Mas o apoio popular a uma alternativa anti-austeritária também não será automático.

### 15.Â Nas

lutas e protestos populares, os movimentos sociais, mais ou menos orgÃ¢nicos, sindicais e de diversa natureza, tÃ¢m um papel importante. Na vertente internacional, o Forum Social Mundial 2013, realizado na TunÃ¢sia, entre 26 e 30 de marÃ¢ço, sublinhou o papel central da dÃ¢vida no ataque aos povos. A articulaÃ¢Ã£o das resistÃ¢ncias internacionais Ã© uma dimensÃ£o necessÃ¢ria neste combate Ã austeridade.

### 16.Â A

era da austeridade teve na rua a resposta de milhÃ¢es. Em Portugal, as maiores manifestaÃ¢Ãµes da democracia cantaram o GrÃ¢ndola contra uma polÃ¢tica que clama por vinganÃ¢sa das conquistas de Abril. Todos os dias, a um ritmo de oito manifestaÃ¢Ãµes por dia, sindicatos e movimentos populares protestam contra o Governo e a aplicaÃ¢Ã£o de medidas de austeridade. Em diversas iniciativas e com motivaÃ¢Ãµes variadas, movimentos sociais, partidos e personalidades dÃ¢o ampla geometria Ã oposiÃ¢Ã£o tendo em comum a defesa do Estado Social e o combate ao governo da direita.

### 17.Â A

busca de caminhos alternativos Ã© expressÃ£o dos tempos que correm. Nem todos vÃ¢o desaguar Ã democracia nos termos em que a esquerda socialista a concebe: anti-dogmÃ¢tica, transparente, livre e participada, recusando populismos e personalismos. Mas o debate sobre a democracia estÃ¢ lanÃ¢sado e Ã© necessÃ¢rio fazÃ¢-lo.

### 18.Â A

imposiÃ¢Ã£o de governos tecnocratas, o sucessivo rasgar de programas eleitorais, a crescente promiscuidade entre interesse pÃºblico e privado, a aplicaÃ¢Ã£o de programas de austeridade acima das constituiÃ¢Ãµes e dos mandatos populares, a consciÃ¢ncia de que a legitimidade da austeridade vem dos mercados financeiros e nÃ£o da soberania popular, a cegueira quanto Ã s consequÃ¢ncias sociais da austeridade provam que a austeridade nÃ£o Ã© compatÃ¢vel com a democracia.

### 19.Â A

esquerda, e o Bloco em particular, enfrenta grandes desafios no futuro prÃ³ximo. O primeiro Ã© dar corpo a uma alternativa de futuro. A renegociaÃ¢Ã£o da dÃ¢vida e a recusa do memorando sÃ£o as palavras de ordem que marcam o nosso campo. Torna-se necessÃ¢rio reforÃ¢sa-las com um projeto alternativo de sociedade, mobilizador para os milhÃ¢es que protestam. Mais do que um programa anti-austeritÃ¢rio, a esquerda tem de ter firmeza sobre as fronteiras do seu programa.

### 20.Â A

construÃ¢Ã£o dessa alternativa passa por reforÃ¢sar o Bloco como um partido de massas, cuja identidade afirma um projeto socialista pela transformaÃ¢Ã£o social, autÃ³nomo, em que as respostas polÃ¢ticas nÃ£o se confundem com as PS nem com as do PCP; mas tambÃ©m por repensar e desenvolver instrumentos de mobilizaÃ¢Ã£o social, de enraizamento popular, de reforÃ¢so dos movimentos sociais, de organizaÃ¢Ã£o coletiva, que possam dar continuidade e consistÃ¢ncia Ã indignaÃ¢Ã£o que ganha forÃ¢sa nas ruas. Nenhuma luta pode ficar para trÃ¢s.

---

21.Â Um

dos grandes desafios passa por encontrar na democracia e na cidadania um instrumento estratégico de construção da alternativa. A crise contribuiu para aumentar a desconfiança geral sobre as instituições do poder e mesmo sobre os partidos.Â Muitas vezes, na reivindicação democrática o "sistema capitalista" é confundido com o "sistema democrático", gerando respostas que seguem caminhos entre o individualismo e o populismo. Nas organizações de esquerda como na sociedade, novas formas de participação, maior transparência, novas ferramentas de expressão cidadã são parte da resposta para a esquerda que quer construir a alternativa e disputar maiorias

22.Â Nos

próximos meses, a UDP lançará um amplo debate sobre a crise do capitalismo, as suas consequências e as soluções da esquerda, aprofundando e ampliando os temas desta resolução. O objetivo é envolver nesta reflexão toda a organização e muitos militantes do Bloco que queiram a fazer conosco. Esse debate terá como protagonista A Comuna, através da publicação de textos e da realização de debates/conferências abertos com a participação de convidados, e terá conclusão na conferência nacional da UDP, a realizar depois das eleições autárquicas, tendo como tema principal "a crise europeia".

23.Â A Direção

Nacional regista a receção do e-mail enviado pelos promotores da Plataforma Socialismo aos membros da UDP da Comissão Política, em que clarificam a recusa da Plataforma em aceitar a participação de membros da UDP.

Â

A Direção  
Nacional da UDP

Lisboa,  
07 abril de 2013